

**Cadernos** *Teologia  
Pública*

ISSN 1807-0590 (impresso)

ISSN 2446-7650 (on-line)

Ano XIX | Número 167 | Volume 20 | 2023

**O magistério do Papa Francisco  
em tempos de guerra**

Andreas Gonçalves Lind

**Cadernos** *Teologia  
Pública*

ISSN 1807-0590 (impresso)

ISSN 2446-7650 (on-line)

Ano XIX | Número 167 | Volume 20 | 2023

## **O magistério do Papa Francisco em tempos de guerra**

**Andreas Gonçalves Lind**

Doutor em Filosofia pela Universidade de Namur - Bélgica e

Professor na Pontifícia Universidade Gregoriana e no Centre Sèvres



INSTITUTO  
HUMANITAS  
UNISINOS



UNISINOS

**Cadernos Teologia Pública** é uma publicação do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, que busca ser uma contribuição para a relevância pública da teologia na universidade e na sociedade. A teologia pública pretende articular a reflexão teológica e a participação ativa nos debates que se desdobram na esfera pública da sociedade nas ciências, culturas e religiões, de modo interdisciplinar e transdisciplinar. Os desafios da vida social, política, econômica e cultural da sociedade, hoje, constituem o horizonte da teologia pública.

## UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS

Reitor: Sérgio Mariucci, SJ  
Vice-reitor: Artur Eugênio Jacobus

## INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS - IHU

Diretor: Inácio Neutzling, SJ  
Diretor-adjunto: Lucas Henrique da Luz  
Gerente administrativo: Nestor Pilz  
ihu.unisinos.br

### Cadernos Teologia Pública

Ano XIX – Vol. 20 – Nº 167 – 2023

ISSN 1807-0590 (impresso) | ISSN 2446-7650 (on-line)

**Editor:** Prof. Dr. Inácio Neutzling, SJ – Unisinos

**Conselho editorial:** MS. Ana Maria Casarotti; Profa. Dra. Cleusa Maria Andreatta; Bel. Guilherme Tenher Rodrigues; Profa. Dra. Susana Rocca.

**Conselho científico:** Ana Maria Formoso (Pontifícia Universidad Católica de Valparaíso, doutora em Educação); Christoph Theobald (Faculdade Jesuíta de Paris - Centre Sèvres, doutor em Teologia); Faustino Teixeira (UFJF-MG, doutor em Teologia); Felix Wilfred (Universidade de Madras, Índia, doutor em Teologia); Jose Maria Vigil (Associação Ecmênica de Teólogos do Terceiro Mundo, Panamá, doutor em Educação); José Roque Junges, SJ (Unisinos, doutor em Teologia); Luiz Carlos Susin (PUCRS, doutor em Teologia); Maria Inês de Castro Millen (CES/ITASA-MG, doutora em Teologia); Peter Phan (Universidade Georgetown, Estados Unidos da América, doutor em Teologia); Rudolf Eduard von Sinner (PUCPR, doutor em Teologia).

**Responsáveis técnicos:** Cleusa Maria Andreatta e Guilherme Tenher Rodrigues.

**Revisão:** Isaque Gomes Correa

**Imagem da capa:** Pxhere

**Projeto Gráfico:** Ricardo Machado

**Editores:** Guilherme Tenher Rodrigues

Cadernos IHU ideias / Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Instituto Humanitas Unisinos.  
– Ano 20. São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2003- .v. 20.  
Publicado também on-line: <<http://www.ihu.unisinos.br/cadernos-ihu-ideias>>.  
Descrição baseada em: Ano 1, n. 1 (2003); última edição consultada: Ano 19, n. 326 (2021).  
ISSN 2448-0304  
1. Sociologia. 2. Filosofia. 3. Política. I. Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Instituto Humanitas Unisinos.

Bibliotecária responsável: Carla Maria Goulart de Moraes – CRB 10/1252

As posições expressas nos textos assinados são de responsabilidade exclusiva dos autores.

Instituto Humanitas Unisinos – IHU  
Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos  
Av. Unisinos, 950, 93022-750, São Leopoldo/RS, Brasil

# O magistério do Papa Francisco em tempos de guerra

Andreas Gonçalves Lind

**RESUMO:** Na sua encíclica social intitulada *Fratelli tutti*, de 2020, o Papa Francisco emitiu uma condenação da doutrina clássica que sustenta a legitimidade da chamada “guerra justa”. O atual Pontífice segue a linha de pensamento estabelecida por João XXIII, ao considerar que a era nuclear na qual estamos inseridos altera significativamente a capacidade de avaliar os ganhos e perdas resultantes de ações militares, bem como torna ininteligível o critério da proporcionalidade dos conflitos bélicos. Conseqüentemente, o Papa argumenta que a doutrina agostiniana da “guerra justa”, válida noutras épocas, não deve ser aplicada nos tempos hodiernos. No entanto, diante do conflito russo-ucraniano em curso, Francisco parece admitir o uso de armas sob condições muito restritas de legítima defesa. Perante o atual cenário de guerra, o Papa aceita essa possibilidade, mas continua a enfatizar a importância das ações humanitárias e diplomáticas como meio de buscar a paz, não fundamentada no temor das armas, mas na confiança mútua entre os povos. Neste contexto, proponho-me analisar aqui a evolução das declarações do Papa Francisco no período anterior e posterior ao conflito na Ucrânia, a fim de evidenciar a persistência de uma tensão entre a utopia evangélica e um pragmatismo realista inerente ao mundo pós-lapsário onde nos situamos.

**PALAVRAS-CHAVE:** *Fratelli tutti*. Teoria da guerra justa. João XXIII. Ucrânia.

# The magisterium of Pope Francis in times of war

Andreas Gonçalves Lind

**ABSTRACT:** In his 2020 social encyclical titled *Fratelli tutti*, Pope Francis unequivocally denounces the classical doctrine that upholds the legitimacy of the so-called “just war.” Following the intellectual lineage of John XXIII, the current Pontiff contends that the nuclear age profoundly alters the calculus of assessing the consequences of military actions, thereby making the criterion of proportionality in armed conflicts unintelligible. Consequently, Francis argues that the Augustinian doctrine of “just war,” though valid in the past, should not be indiscriminately applied to the complexities of modern times. However, amidst the backdrop of the ongoing Russian-Ukrainian conflict, the Pope appears to make a concession for the use of weapons under extremely limited conditions of self-defense. Despite this acknowledgment, he continues to underscore the humanitarian and diplomatic measures as primary avenues for seeking peace. The foundation of this pursuit is rooted not in fear of weaponry but rather in cultivating mutual trust among nations. Against this backdrop, this paper aims to examine the evolution of Pope Francis’ statements both preceding and following the conflict in Ukraine. The goal is to illuminate the persistence of a tension between the evangelical utopia and a realistic pragmatism that is inherent in the post-lapsarian world in which humanity finds itself.

**KEYWORDS:** *Fratelli tutti*. Just war theory. John XXIII. Ukraine.

# O magistério do Papa Francisco em tempos de guerra

Andreas Gonçalves Lind

Doutor em Filosofia pela Universidade de Namur - Bélgica e  
Professor na Pontifícia Universidade Gregoriana e no Centre Sèvres

## INTRODUÇÃO

Uma das imagens que o Papa Francisco mais utiliza para descrever a Igreja tem originariamente a ver com um cenário de guerra. Com efeito, a eclesiologia do “hospital de campanha depois de uma batalha”<sup>1</sup> constitui, certo, uma metáfora, mas coloca-nos num imaginário, podemos dizer, inaciano, próprio de um teatro de guerra. Com a expressão “hospital de campanha”, o Papa descreve uma Igreja chamada a acolher pessoas frágeis, contribuindo, com isso, no desencadear de processos que visam curar as suas feridas. Trata-se, sem dúvida, de uma eclesiologia realista, capaz de

---

1 Cf. Antonio Spadaro, “Entrevista a Papa Francesco”, *La Civiltà Cattolica*, 3918/III, 2013, p. 461.

situar a Igreja no mundo concreto, em toda a sua contingência e finitude. Em vez de definir a Igreja com a completude de uma *societas perfecta*, Francisco convidamos a caminhar desde baixo, isto é, a partir das feridas que afetam as pessoas concretas e o tecido social das sociedades contemporâneas cada vez mais fragmentadas por uma crescente polarização de teor ideológico. Trata-se, evidentemente, de uma imagem próxima à eclesiologia do Vaticano II, para o qual a Igreja aparece como um *Povo de Deus* em caminho.

Antonio Spadaro, a quem o Papa apresentou esta definição de Igreja na célebre entrevista concedida à *La Civiltà Cattolica* em 2013, vai ainda mais longe, quando diz que, ao apresentar o corpo que os batizados constituem como um grande “hospital de campanha”, Francisco antecipava já, nessa altura, o cenário de guerra que hoje se impõe por todo o mundo<sup>2</sup>. De fato, um ano após a invasão russa da Ucrânia, esta eclesiologia parece ser mais atual que nunca, apresentando-se talvez mesmo como uma profecia para os nossos tempos.

Em 9 de janeiro de 2023, num *Discurso proferido aos membros do corpo diplomático acreditado junto da Santa Sé*, Francisco mencionou um importante documento do magistério de João XXIII. Aproveitando a efeméride do “sexagésimo aniversário da encíclica *Pacem in terris*”<sup>3</sup>, disse-lhes que “a ameaça nuclear” tão temida pelo “Papa bom” continua viva nos tempos que correm. Perante o evento que a guerra na Ucrânia constitui, o Papa considera que não houve grandes progressos em prol da construção de uma paz sólida e duradou-

2 Cf. Antonio Spadaro, *L’Atlante di Francesco: vaticano e politica internazionale*, Venezia, Marsilio Editori, 2023, 8.

3 Papa Francisco, “Discurso aos Membros do Corpo Diplomático Acreditado junto da Santa Sé”. Disponível em: <https://encurtador.com.br/mzJ24>, Roma, 9 de janeiro de 2023.

ra desde a publicação dessa encíclica, que João XXIII escreveu durante a crise dos mísseis de Cuba, que na altura parecia ser capaz de aquecer a Guerra Fria para um conflito à escala global, cujas consequências seriam imprevisíveis e inimagináveis.

Num texto de 1968, Hannah Arendt elogia o chamado “Papa bom” por ter sido um “homem em tempos sombrios”. Esta expressão arendtiana aplica-se a uma pessoa que preservou a sua humanidade, com a sua autêntica capacidade de pensar, numa época cujo espírito tinha tudo para a contrariar e destruir<sup>4</sup>. Com efeito, radicalmente oposto a um Adolf Eichmann, Angelo Giuseppe Roncalli permaneceu íntegro enquanto ator e protagonista de uma história que o conduziu ao coração dos totalitarismos, com as suas guerras que tanto assolaram o século transato.

A meu ver, não é por mero acaso que o atual Pontífice se refere frequentemente a João XXIII e ao seu magistério, na medida em que se sente ameaçado pelas sombras do presente momento histórico. Muitos paralelismos podem de fato estabelecer-se entre o contexto que hoje nos é dado viver e o mundo que o “bom Papa” habitou. E, por isso, os gestos e as palavras de Francisco podem ser essa luz de um homem que, enraizado no Evangelho, brilha para nós como uma luz de esperança para o futuro<sup>5</sup>.

O contexto histórico, nas suas rápidas e indeseja-

---

4 Cf. Hannah Arendt, “Angelo Giuseppe Roncalli: um Cristão no Trono de São Pedro de 1958 a 1963”, *Homens em Tempos Sombrios*, trad. Ana Luísa Faria. Lisboa, Relógio D’Água, 2021, p. 71-94.

5 Tive oportunidade de desenvolver noutra ocasião este paralelismo entre o Papa Francisco e João XXIII no que aos respetivos contextos históricos e magistérios diz respeito. (Cf. Andreas Gonçalves Lind, “Giovanni XXIII e Papa Francesco, due ‘uomini in tempi bui’”, *La Civiltà Cattolica*, 4136, 2022, p. 154-169).

das mutações, é fundamental para compreendermos o atual magistério de Francisco. Com efeito, enquanto se opõe, não sem veemência, a qualquer aplicação da noção de “guerra justa” no cenário de uma guerra fria ou de uma paz quente, o Papa acabou por considerar moralmente aceitável o uso de armas no contexto criado pela invasão russa da Ucrânia. A meu ver, não se trata de uma contradição, mas de um *aggiornamento* próprio da tradição cristã que procura sempre encarnar o Evangelho num presente histórico que nos é oferecido, com suas particularidades e limitações.

Nesse sentido, procuro aqui aprofundar as declarações que o Papa Francisco tem vindo a proferir a propósito da guerra, mostrando como a sua teologia da paz tem vindo a desenvolver-se em íntima ligação com as mutações históricas deste século ainda em curso. A minha tese é que a teologia de Francisco mantém uma tensão entre a utopia evangélica, que alimenta a esperança, e o pragmatismo realista, indispensável à ação política num mundo pós-lapsário.

## POR UMA CULTURA DO DIÁLOGO E DO CUIDADO

Voltando à entrevista de 2013 concedida à *La Civiltà Cattolica*, convém notar como Francisco insiste no verbo *curar* a fim de explicar o significado da eclesiologia do “hospital de campanha”:

Vejo com clareza [...] que aquilo de que a Igreja mais precisa hoje é a capacidade de curar as feridas e de aquecer o coração dos fiéis, a proximidade. Vejo a Igreja como um hospital de campanha depois de uma batalha. É inútil perguntar a um ferido grave se tem o colesterol ou o açúcar altos. Devem curar-se as suas feridas. Depois podemos falar de tudo

o resto. Curar as feridas, curar as feridas... E é necessário começar de baixo.

A Igreja por vezes encerrou-se em pequenas coisas, em pequenos preceitos. O mais importante, no entanto, é o primeiro anúncio: “Jesus Cristo salvou-te!” E os ministros da Igreja devem ser, acima de tudo, ministros de misericórdia. O confessor, por exemplo, corre sempre o risco de ser ou demasiado rigorista ou demasiado laxista. Nenhum dos dois é misericordioso, porque nenhum dos dois toma verdadeiramente a seu cargo a pessoa. O rigorista lava as mãos porque remete-o para o mandamento. O laxista lava as mãos dizendo simplesmente “isto não é pecado” ou coisas semelhantes. As pessoas têm de ser acompanhadas, as feridas têm de ser curadas<sup>6</sup>.

O verbo *curar*, em Francisco, opõe-se tanto ao *dominar* pela força como ao *separar* com desdém, indiferença ou puro egoísmo da vontade de poder. A ação de *curar* liga pessoas diferentes entre si num caminho que as chama a deixarem-se transformar, podemos dizer converter, progressivamente na relação que entre elas se estabelece.

É a partir desta dinâmica do curar que, a meu ver, se compreende a “cultura do encontro” que o Papa promove em *Fratelli tutti*: uma cultura que se constrói pela procura de “pontos de contato”, por “pontes” que se constroem como condição de possibilidade da comunhão cada vez maior entre pessoas, cuja diferença não impede a unidade<sup>7</sup>. O que importa, segundo o

---

6 Antonio Spadaro, “Entrevista a Papa Francisco”, *La Civiltà Cattolica*, 3918/III, 2013, 462. Disponível em: <https://encurtador.com.br/pqAT1>, Roma, 29 de setembro de 2013.

7 Cf. Papa Francisco, *Carta encíclica Fratelli tutti sobre a fraternidade e a amizade social*, Braga, A.O., 2020, §216, p. 143-144.

Papa, é sermos capazes de “gerar processos de encontro”. Pelo menos, deve ser esse o ponto de partida de toda a ação política inspirada pelo Evangelho.

Por vezes, vemos o Papa ser criticado por não dar suficiente ênfase à necessidade do batismo e da conversão para a salvação das almas. No entanto, devemos compreender o horizonte no qual ele desenvolve o seu magistério: não se trata tanto de procurar compreender as condições necessárias para a salvação do indivíduo, mas sobretudo de decifrar a forma de agir de quem já fez do Evangelho o seu modo de vida. É neste horizonte de reflexão que compreendemos a apologia do abraço de um Francisco de Assis a um sultão muçulmano, ainda antes deste se converter ou mesmo antes de o chamar para a conversão no sentido cristão do termo. Não se trata de discutir se o batismo é, ou não, necessário à salvação das almas, mas de procurar descrever o estilo de vida de quem optou por se batizar, tornando-se assim discípulo de Cristo. É neste horizonte de reflexão que podemos compreender a doutrina expressa em *Fratelli tutti*.

Deste modo, o Papa Francisco remete-nos para a oração do *Poverello* de Assis, que pede a graça de se tornar um “instrumento da paz” de Deus. Foi essa oração que levou o atual Sumo Pontífice a acolher o Xeiue Mohammed Bin Zayed Al Nahyan em audiência privada no Vaticano, em 2016, e a aceitar o convite que este lhe endereçou para visitar a península arábica três anos depois, na celebração dos 800 anos do encontro do santo de Assis com o célebre sultão do Egito.

“Senhor, fazei-me instrumento da vossa paz”: a graça que se pede nesta oração contrasta com muitas das posições afincadas que tendem a caracterizar os

debates nas nossas sociedades cada vez mais fragmentadas pela crescente polarização ideológica. E é este o primeiro contexto político ao qual Francisco reage, enquanto cristão, nos seus gestos e nas palavras que marcam o seu magistério. A atitude do Papa, tal como a do Xeiq Al Nahyan ou do grande Imã de Al-Azhar que o abraçaram, pode surpreender os fiéis de ambas as religiões, porque se trata de uma atitude que funciona hoje como uma contracultura que marca a diferença em relação à agressividade presente nos debates extremamente polarizados em relação aos quais somos por vezes tentados a responder de forma radical e simplista: num lado ou no outro; preto ou branco, sem cinzentos nem matizes. Perde-se, assim, a esperança da possibilidade dos encontros dialogantes e dos seus frutos, sobretudo quando a intersecção dos lados opostos parece nunca ter lugar. Isso conduz as pessoas de diferentes credos ou de opiniões distintas a fecharem-se cada vez mais nas tribos do seu setor ideológico, obstruindo, pois, a comunhão e a fraternidade sonhadas pelo santo de Assis.

É neste contexto de crescente fragmentação ideológica que o Papa Francisco promove processos de encontro, afirmando explicitamente a necessidade de usarmos as “armas do diálogo” na laboriosa construção da “paz social” que o mundo de hoje carece<sup>8</sup>. Fiel à mais pura das tradições cristãs, o Papa Francisco abraçou o Xeiq e o Imã Ahmad Al-Tayyib que o receberam em Abu Dhabi, 800 anos depois do *Poverello* de Assis, num mundo marcado pelas cruzadas e pelas guerras religiosas, ter optado por se encontrar pacificamente com o sultão Malik Al Jamil. À violência, São Francisco preferiu o diálogo. Em vez do poder e da

---

8 Cf. *Ibid.*, §217, p. 144.

força mundana, o *Poverello* optou pela pobreza evangélica. Aos olhos do mundo, talvez a sua missão apareça como um fracasso. Afinal, mesmo depois de receber o anúncio autêntico de um dos maiores santos que a Igreja jamais conheceu, o sultão permaneceu muçulmano. Em todo o caso, o episódio espelha um estilo de vida que São Francisco deixou por escrito como um mandato para os frades menores:

E os irmãos que partem, de dois modos podem viver espiritualmente entre eles. O primeiro é não abrirem debates nem discussões, mas mostrarem-se submissos a toda a humana criatura por amor de Deus (1 Pe 2, 13) e confessem que são cristãos. O outro modo é que, quando julgarem ser do agrado do Senhor, anunciem a palavra de Deus (Regra não bulada, capítulo XVI)<sup>9</sup>.

Esta regra que o Papa Francisco tanto gosta de referir prende-se, por um lado, com o ideal evangélico de sempre dar a outra face (cf. Lc 6, 29), ao mesmo tempo que manifesta, por outro, um enorme pragmatismo na ação evangelizadora. Mais do que uma simples estratégia política, a regra de São Francisco procura descrever o modo cristão de vida. Mas se quisermos pensar em termos de estratégias políticas, facilmente percebemos como esse estilo de vida promove um tipo de relação com os muçulmanos que promove um islã mais aberto a dar espaço à alteridade cristã.

Convém notar, a este respeito, como, num dos países da península arábica mais abertos e tolerantes, os Emirados Árabes Unidos, o Papa Francisco não se limita a mostrar como a coexistência e a construção de pontes com o islã são possíveis. O encontro inter-reli-

---

<sup>9</sup> Francisco de Assis, Fontes Franciscanas, vol. I, *Escritos, biografias, documentos*, Braga: Editorial Franciscana, 2017, p. 162.

gioso intitulado *A Fraternidade Humana* mostra, bem mais do que isso, uma fé que “une e não divide”, que “aproxima apesar das diferenças”<sup>10</sup>. É assim que o Papa promove, por um lado, o diálogo com os muçulmanos e, por outro, um islã que é capaz de respeitar a alteridade cristã. É importante zelar pela tolerância religiosa, sobretudo numa região onde os cristãos tendem a ser fortemente perseguidos. É nesse sentido que o Papa não se coíbe de elogiar a abertura dos Emirados Árabes Unidos, um país que nos oferece um “modelo de coexistência” pacífica entre pessoas de credos diferentes. É esse modelo que deve ser promovido, sobretudo tendo em conta o atual contexto de perseguições religiosas: só em 2018, mais de 4.300 cristãos foram assassinados devido à sua fé<sup>11</sup>. Praticar a tolerância, o diálogo e o encontro traduz o combate contra o extremismo e o fundamentalismo religioso que, no fundo, é blasfematório por invocar o Santo Nome de Deus em vão. Tal como refere o Papa Francisco:

A violência [...] em nome da religião não pode deixar de causar descrédito em relação à própria religião; como tal, deveria ser condenada por todos e com convicção especial, pelo homem autenticamente religioso, o qual sabe que Deus é unicamente bondade, amor, compaixão, e que n’Ele não pode haver espaço para o ódio, o rancor e a vingança. A pessoa religiosa sabe que uma das maiores blasfêmias é chamar Deus como garante dos próprios pecados e crimes, de o chamar a justificar o homicídio, o massacre,

---

10 Cf. Papa Francisco, “Mensagem do Santo Padre por Ocasião da Viagem Apostólica aos Emirados Árabes”. Disponível em: <https://encurtador.com.br/OQ247>, 31 de janeiro de 2019.

11 Cf. Agência Ecclesia, “Direitos humanos: mais de 4 mil cristãos perderam a vida em 2018 devido à sua fé”. Disponível em: <https://bit.ly/3DNZEWS>, 16 de janeiro de 2019.

a escravização, a exploração em todas as suas formas, a opressão e a perseguição de pessoas e de populações inteiras<sup>12</sup>.

Com estas palavras sinceras, que o Papa proferiu por ocasião da sua visita à península arábica, percebemos que a atitude de diálogo implica uma estratégia de caráter político, sem nunca se reduzir a essa dimensão. Em primeiro lugar, não se trata de uma vontade em querer conquistar o mundo a partir da sua lógica ou de procurar preservar a fé do seu grupo de um modo tribal. Mais do que uma estratégia para convencer o outro, a atitude do Papa brota de uma visão sobrenatural do Evangelho, a única visão que permite compreender e viver a cruz de Cristo.

“Que o amor fraterno seja duradouro. Não esqueçais a hospitalidade, pela qual alguns, sem o saber, hospedaram anjos” (Heb 13, 1-2). Em vez de começar por querer converter quem é diferente, Francisco vive a experiência de um Deus acolhedor, um Deus que ama ao ponto de oferecer a Sua própria vida. Quem faz a experiência desse Deus vive dessa forma, acolhe o outro, e faz dele, de quem é diferente, o seu próximo. Sim, quem se encontra realmente com Jesus Cristo, verdadeiro Deus e verdadeiro Homem, e se torna Seu discípulo deseja o encontro gratuito com o próximo. Percebemos, assim, a atitude do Papa Francisco: trata-se, nem mais nem menos, de evangelizar ao estilo de Jesus e dos grandes santos que O seguiram. E, por mais paradoxal que isso possa parecer, não há aqui estratégia nenhuma, mesmo apesar do fato de ser essa atitude que evangeliza, transformando ou convertendo realmente o mundo, o outro e cada um de nós a Deus. Mais 12 Cf. Papa Francisco, “Discurso do Papa Francisco aos participantes na conferência “Tackling violence committed in the name of religion””. Disponível em: <https://bit.ly/44T3A4e>, 2 de fevereiro de 2018.

do que estratégia, Francisco procura viver as Bem-aventuranças do Evangelho, porque “‘felizes [são] os mansos’ (Mt 5, 5). Não é feliz quem agride ou subjuga, mas quem mantém o comportamento de Jesus que nos salvou: manso, mesmo diante dos seus acusadores”<sup>13</sup>.

A referência à pobreza e à mansidão das Bem-aventuranças indica o tipo de pessoa que habita laços de comunhão. Enquanto Bento XVI insistia mais no aspecto racional capaz de unir diversas pessoas num diálogo construtivo, Francisco tende a sublinhar a fragilidade e a finitude da condição humana que as abre, com as suas feridas, umas às outras. Não se trata de uma ruptura entre os dois pontificados, pois ambos procuram estabelecer as condições de possibilidade do diálogo e da comunhão entre pessoas diferentes. Se um se inclina mais para uma abordagem de teor iluminista, referindo a “opção da Igreja primitiva pelo Logos”<sup>14</sup>, promovendo a capacidade da razão universal nos unir uns aos outros, o outro sublinha mais a condição de sermos fracos, frágeis, pecadores, carentes de perdão<sup>15</sup>. Segundo o Papa Francisco, o diálogo e a comunhão são necessários para que pessoas frágeis na sua condição de entes finitos consigam perseverar e resistir às forças de desintegração que as ameaçam constantemente<sup>16</sup>. É

13 Papa Francisco, “Homília do Santo Padre”. Disponível em: <https://bit.ly/3OrTBf5>, 5 de fevereiro 2019.

14 Joseph Ratzinger, *Introdução ao cristianismo: preleções sobre o “Símbolo Apostólico”*, trad. Alfred J. Keller, Cascais, Lucerna, 2017, p. 100.

15 Cf. Gian Enrico Rusconi, *La teologia narrativa di Papa Francesco*, Bari, Editori Laterza, 2017, p. 26.

16 Neste sentido, os gestos e as palavras do Papa Francisco parecem aproximar-se da “filosofia da proximidade”, de Josep Maria Esquirol, sobretudo nesse cuidar que se opõe ao domínio numa “metafísica do ajustamento” que permite que resistamos, na fragilidade da nossa condição, às “forças desintegradoras do niilismo” (cf. Josep Maria Esquirol, *A resistência íntima: ensaio de uma filosofia da proximidade*, trad. Jorge Melícias, Lisboa, Edições 70, 2020, p. 13-20).

por isso que a Igreja, como “hospital de campanha”, não se compõe de pessoas que se consideram puras e superiores às outras. No “hospital de campanha” acolhe-se sendo-se acolhido, num gesto que não permite o fechamento tribal de grupos que se unem contra quem se situar para além das suas cidadelas<sup>17</sup>. Trata-se de um processo dinâmico que só pode ser vivido por pessoas finitas e inacabadas, sempre em caminho, pelo menos enquanto habitarem a contingência deste mundo.

Tal dinâmica espelha-se na célebre parábola do Bom Samaritano, narrada por Jesus no Evangelho segundo Lucas. Confrontado com a questão sociológica de saber *quem é o meu próximo*, Cristo responde no plano de uma “teologia da caridade”, narrando uma história que nos conduz, enquanto seus protagonistas, a *nos aproximarmos* de quem pode sociologicamente definir-se à partida como nos sendo distante. Para além da definição estática no plano metafísico e sociológico, encontra-se a dinâmica de uma narrativa de quem se encontra no contexto de um mundo sempre contingente e de uma vida ainda por realizar.

A este respeito, o Papa cita Paul Ricœur<sup>18</sup>, mais precisamente o texto “O *socius* e o próximo”, no qual o fenomenólogo francês rejeita tanto o extremismo do cristianismo carismático, que dispensa toda e qualquer mediação institucional às relações, como a frieza de uma solidariedade puramente burocrática, imposta a partir de cima através do enquadramento jurídico que realiza a justiça por decreto e mera aplicação administrativa<sup>19</sup>. A ação autêntica do cristão é a de quem está

---

17 Cf. Spadaro, *L'atlante di Francesco*, p. 21.

18 Cf. Papa Francisco, *Fratelli tutti*, §102, p. 70, nota 80.

19 Cf. Paul Ricœur, “O *socius* e o próximo”, *História e verdade*, trad. F. A. Ribeiro, Rio de Janeiro, Forense, 1968, p. 99-111.

disposto a mudar o seu caminho, a abandonar os seus projetos exclusivamente pessoais, em prol de quem carece do cuidado próximo numa relação imediata entre ti e mim. Mas esse cuidado precisa das estruturas de instituições dotadas de meios capazes para realizar essa “vida boa” até ao seu término, preservando os seus frutos. Como diz Ricœur, “o sentido *final* das instituições é o serviço que por intermédio delas se presta às pessoas”<sup>20</sup>. Essa é a razão pela qual o bom samaritano sentiu necessidade de se relacionar com o estalajadeiro, que a narrativa de Lucas define propositalmente pelo seu estatuto social, deixando a este o cuidado de quem tinha ficado caído quase morto, perdido no caminho. Na medida em que o estalajadeiro gere um conjunto de meios de que o samaritano em viagem não dispunha, este último teve de lhe entregar o homem caído aos seus cuidados. A instituição que a estalagem representa não se opõe à compaixão que o samaritano sentiu no seu coração e que moveu a sua ação genuinamente crística. Antes pelo contrário: é essa instituição que lhe permite realizar com eficácia a caridade pelo homem caído.

Na parábola do Bom Samaritano manifesta-se na tensão própria do pontificado de Francisco. Por um lado, temos a espontaneidade da relação imediata, o ideal da compaixão que nos conduz a um encontro direto não mediado por estruturas sociológicas e institucionais. Por outro lado, temos o realismo que permite realizar o ideal, qual utopia, na medida das possibilidades da nossa condição de seres marcados pela contingência e limitações do mundo onde existimos.

Trata-se de um matiz entre utopia e realismo que se faz presente nos quatro princípios que o Papa 20 *Ibid.*, p. 111.

enumerou na exortação apostólica *Evangelii gaudium*. Neste que constitui o documento programático do seu pontificado, Francisco afirma que “o tempo é superior ao espaço”, que “a unidade prevalece sobre o conflito”, que “a realidade é mais importante do que a ideia” e que “o todo é superior à parte”<sup>21</sup>. A meu ver, podemos ler os gestos e as palavras do Papa como a aplicação constante destes critérios. O primeiro princípio afirma ser importante, para os frutos de comunhão que tanto desejamos, iniciar processos que precisam de tempo por serem progressivos. O segundo princípio diz respeito à promoção do diálogo, acolhendo pacificamente a diferença no presente em que nos situamos. Quanto ao terceiro, trata-se do realismo de habitar o contexto histórico que nos é dado viver, com todos os seus limites. Por fim, o último princípio apela a uma atenção dada às dimensões globais, tanto no nível interplanetário como no intergeracional<sup>22</sup>.

## A NOÇÃO DE “GUERRA JUSTA” NA ERA NUCLEAR

A tensão entre a utopia evangélica e o realismo pragmático moldou o desenvolvimento intelectual de Bergoglio desde cedo. Com efeito, durante os seus estudos enquanto jovem jesuíta, Bergoglio deixou-se fascinar por uma hermenêutica dos textos de Santo Agostinho que opunha o Doutor da Graça à “teologia imperial de Eusébio da Cesareia”. A doutrina agostiniana, das duas cidades inseparáveis no presente mundo pós-lapsário em que nos encontramos, afirma o papel da utopia na construção da paz, sem se deixar cair num idealismo irrealista e improdutivo<sup>23</sup>. No

21 Cf. Papa Francisco, *Exortação apostólica Evangelii Gaudium*, Braga, A.O., 2014, §222-237, p. 159-167.

22 Cf. Spadaro, *L'Atlante di Francesco*, p. 279-280.

23 Cf. Massimo Borghesi, *Jorge Mario Bergoglio: una biografia*

mundo pós-lapsário onde nos situamos, nem o Estado nem a Igreja visível manifestam plena e unicamente a Cidade de Deus: a perfeição evangélica está sempre por realizar. Aqui onde vivemos por agora, o mal, o pecado, são de certa forma inevitáveis e levam-nos a procurar as soluções menos más. Com esta hermenêutica que Erich Przywara propunha da obra de Agostinho, Bergoglio compreendeu que só com a tensão entre utopia e realismo se pode cooperar eficazmente para o Bem Comum, na aproximação sempre inacabada ao ideal evangélico.

É a partir deste realismo pragmático que Agostinho acaba por conseguir tornar teologicamente inteligível a noção de “guerra justa”. Sem cair no dualismo excessivamente maniqueísta que separava radicalmente as duas cidades na contingência da Igreja terrena, Agostinho considera que é possível qualificar, em certas circunstâncias, de justa uma guerra. Isso só é possível num mundo pós-lapsário, isto é, marcado por uma natureza humana decaída. Só no contexto do mundo pós-lapsário, poderá fazer sentido qualificar uma guerra de “justa”, ao mesmo tempo que se considera toda a guerra fruto do pecado. De fato, se Deus criou a pessoa humana destinada para a comunhão, só é possível que a desordem provocada por uma guerra se estabeleça pelo pecado, num mundo pós-lapsário ainda relativamente distante da natureza original, agora em estado decaído. Situados na finitude dessa natureza para a qual não é possível evitar totalmente o mal, a paz, que fora anteriormente violada e que agora se encontra ilegítimamente perdida, poderá ser alcançada através de uma ação armada. Se no Evangelho se manifesta um Deus de amor e de paz, qualificamos “justa” uma

---

*intellettuale*, Milano, Jaka Book, 2017, p. 61-63.

guerra, caso esta esteja unicamente ao serviço da paz e caso seja absolutamente necessária para a restabelecer. É assim que Agostinho elabora a doutrina da guerra justa, estabelecendo três condições essenciais para que o uso das armas possa estar ao serviço da justiça: “autoridade daquele que a declara, causa válida [e] intenção reta”<sup>24</sup>.

Na encíclica *Fratelli tutti*, Francisco parece descartar por completo esta doutrina da guerra justa, mantendo-se, contudo, próximo do Doutor da Graça. Citando o *Comentário ao Salmo 33* do bispo de Hipona, o Papa conclui que “mesmo Santo Agostinho, que elaborou uma ideia da ‘guerra justa’ que hoje já não defendemos, disse que ‘matar a guerra com a palavra e alcançar e conseguir a paz com a paz e não com a guerra, é maior glória do que a dar aos homens com a espada’”<sup>25</sup>.

Com estas palavras fica claro que o Papa não quer estabelecer uma radical ruptura com a teologia de Agostinho. Apesar de afirmar explicitamente que hoje já não defendemos a ideia agostiniana de “guerra justa”, esse progresso da doutrina justifica-se a partir das palavras do bispo de Hipona.

A tese que gostaria de aqui defender consiste em mostrar a íntima ligação entre o contexto político no qual o Papa se situa e o desenvolvimento da doutrina sobre a teologia da guerra. Publicada em 2020, no contexto da pandemia de Covid-19, *Fratelli tutti* enquadra-se no mundo ainda anterior ao atual conflito bélico que faz o ocidente convergir na defesa da Ucrânia contra a agressão russa.

---

24 Marie-Dominique Chenu, *Evolução da teologia da guerra*, trad. Maria Correia Fernandes, Porto, Livraria Telos Editora, 1972, p. 21.

25 Papa Francisco, *Fratelli tutti*, §258, p. 170, nota 242.

Nesse contexto, o Papa procura descartar o antigo uso da doutrina de guerra justa por dois motivos histórico-circunstanciais. Em primeiro lugar, na medida em que hoje “há quem busque soluções na guerra”, “abusos de poder”<sup>26</sup> e interesses obscuros no negócio das armas, a teoria da guerra justa corre o risco de ser, na prática, manipulada para a justificação de ações bélicas, cuja suposta absoluta necessidade é sempre difícil de avaliar. Mesmo que esteja correta no nível teórico, na prática a doutrina da guerra justa pode contribuir a que se recorra muito facilmente, com leviandade, a uma ação armada, por forma a alimentar interesses obscuros como os do “negócio das armas”. Foi o que talvez tenha acontecido com a invasão do Iraque, por parte do exército norte-americano e seus aliados, em 2003, e que o Papa João Paulo II na altura tão veementemente criticou<sup>27</sup>.

Em segundo lugar, para além de devermos, segundo a doutrina católica, empreender todos os esforços para “evitar a guerra entre as nações e os povos”<sup>28</sup>, convém ter em conta uma diferença radical entre o mundo presente e a época de Santo Agostinho. João XXIII foi o primeiro papa a aprofundar, em *Pacem in terris*, a importância desse novo contexto na aplicação do ensinamento clássico da Igreja sobre a guerra. De fato, desde que a indústria e a tecnologia do armamento se mostraram capazes de usar energia atômica para os seus fins bélicos, as consequências de uma guerra à escala global tornaram-se completamente imprevisíveis, incalculáveis, inimagináveis. A doutrina da guerra justa foi elaborada por Agostinho num contexto

26 Cf. *Ibid.*, §256, p. 167-168.

27 Cf. Papa João Paulo II, “*Angelus*”. Disponível em: <https://bit.ly/3s5Kt8q>, 16 de março de 2003.

28 Papa Francisco, *Fratelli tutti*, §257, p. 168.

em que era mais fácil contabilizar e prever os danos de uma resposta armada. Hoje, com a possibilidade aberta pelo uso de bombas atômicas e outras armas de destruição maciça, torna-se impossível de prever qual será o resultado final de uma guerra de forma a poder-se medir, com racionalidade e razoabilidade, ganhos e benefícios de uma ação militar. É o que afirma o Papa Francisco no §258 de *Fratelli tutti*:

Já não podemos pensar na guerra como solução, porque provavelmente os riscos serão sempre superiores à hipotética utilidade que se lhe atribua. Perante esta realidade, hoje é muito difícil sustentar os critérios racionais amadurecidos noutros séculos para falar duma possível “guerra justa”. Nunca mais a guerra!<sup>29</sup>

Com estas palavras percebemos que o Sumo Pontífice está em continuidade com a tradição cristã e com o magistério dos papas que o precederam. Com efeito, mais do que uma ruptura em relação aos princípios teológicos que justificavam à época de Agostinho a doutrina da guerra justa, trata-se de assumir realisticamente o novo contexto histórico que o arsenal atômico impõe, lendo-o à luz dos mesmos princípios evangélicos. Nesse sentido, podemos até afirmar que a novidade que Francisco traz com esta sua encíclica social é mais fiel à tradição cristã do que as justificações da guerra que no hodierno mundo ortodoxo vemos emergir como um apelo à santidade. Se Agostinho, baseado em Cícero, qualificou certas guerras de “justas”, ele nunca chegou a afirmar a possibilidade de uma “guerra santa”<sup>30</sup>. Toda a guerra constitui, com efeito, “uma derrota perante as forças do mal”, “um fracasso da po-

---

29 *Ibid.*, §258, p. 169-170.

30 Cf. Chenu, *Evolução da teologia da guerra*, p. 22-28.

lítica e da humanidade”<sup>31</sup>. A guerra justa só é possível num mundo pós-lapsário, ainda marcado pela queda do pecado e pela incompletude da história e da pessoa humana.

É de sublinhar o cuidado que Francisco mostra em manter-se na continuidade com o magistério dos papas do século XX, neste caso com a encíclica social que São João XXIII redigiu perante a ameaça de uma terceira guerra mundial entre potências com arsenal atômico. Cito o §260 da *Fratelli tutti*:

Como dizia São João XXIII [diz o Papa Francisco], “não é mais possível pensar que nesta nossa era atômica seja um meio apto para ressarcir direitos violados”. Afirmava-o num período de forte tensão internacional, manifestando assim o grande anseio de paz que se difundia nos tempos da guerra fria. Reforçou a convicção de que as razões da paz são mais fortes do que todo o cálculo de interesses particulares e toda a confiança posta no uso das armas. Mas, por falta duma visão de futuro e duma consciência compartilhada sobre o nosso destino comum, não se exploraram adequadamente as oportunidades que oferecia o fim da guerra fria. Em vez disso, cedeu-se à busca de interesses particulares, sem se preocupar com o bem comum universal. Assim irrompeu novamente o fantasma enganador da guerra<sup>32</sup>.

Esta atenção dada à alteração que a nova era atômica provocou na forma de pensarmos, teológica e filosoficamente, a guerra é própria da geração de Bergoglio. Em confiança, Francisco afirmou recordar-se, ainda hoje com muita emoção, do fim da Segunda Guerra Mundial em 1945, e como as mulheres choravam de

---

31 Cf. Papa Francisco, *Fratelli tutti*, §261, p. 171.

32 *Ibid.*, §260, 170-171.

alegria com esse evento<sup>33</sup>. Da mesma forma que terão chorado, mas agora de medo, na ocasião da crise dos mísseis cubanos.

Francisco também afirmou em confiança a emoção que o afetou quando visitou Nagasaki e Hiroshima. Ao estar nesses lugares que foram completamente destruídos pelo lançamento de bombas, cujos efeitos nefastos ainda hoje se fazem sentir no corpo das pessoas que lá vivem, o Papa sentiu compreender a intrínseca imoralidade do uso de armas nucleares. Ao pisar o solo daquelas duas cidades, ele ganhou consciência de dever fazer isso constar no Catecismo da Igreja Católica, pois, parafraseando Einstein, se a terceira guerra mundial permitirá o uso desse potencial bélico, a quarta será travada com paus e pedras<sup>34</sup>.

De fato, hoje não podemos ignorar o poder que o desenvolvimento científico nos conferiu: a energia nuclear, a biotecnologia, o conhecimento de nosso próprio DNA, o progresso do universo digital, podem nos dar a sensação de sermos poderosos, todo-poderosos. É por isso que, como afirmou insistentemente o Vaticano II, o progresso puramente científico, sem o acompanhamento do desenvolvimento moral da pessoa humana, pode vir a ser altamente destrutivo<sup>35</sup>.

O atual Sumo Pontífice diz o mesmo, quando nega categoricamente a existência de “guerras justas”. Na

---

33 Cf. Papa Francisco, *Uma encíclica sobre a paz na Ucrânia*, cord. Francesco Antonio Grana, trad. Paulo Ramos, Prior Velho, Paulinas, 2023, p. 117.

34 Cf. Papa Francesco, *Contro la guerra: il coraggio di costruire la pace*, Milano/Città del Vaticano, Solferino/Libreria Editrice Vaticana, 2022, p. 76.

35 Concílio Vaticano II, “Decreto *Inter Mirifica*. Sobre os meios de comunicação social”. Disponível em: <https://bit.ly/44VtX9V>, 4 de dezembro de 1966, §13.

medida em que a guerra se prende com um mundo marcado pelo pecado, toda a guerra começa em última instância na soberba da vontade de domínio, no ódio de querer destruir ou separar-se dos outros, sendo por isso o lugar por excelência da queda da humanidade. É isto que Francisco afirma ao condenar atualmente o uso da doutrina da guerra justa como meio justificativo de uma ação militar concreta.

## A PROMOÇÃO DA PAZ NO CONTEXTO DE GUERRA

Spadaro oferece-nos uma grade de leitura dos textos do atual pontificado, ao referir-se a uma hermenêutica temporalmente fundada na “abertura ao futuro”<sup>36</sup>. Isto significa que o Papa Francisco lê a realidade do seu momento histórico a partir da escatologia prometida pelo Evangelho. Sem sair da dramaticidade que um realismo sério impõe face a uma situação de guerra, a esperança num outro destino para a humanidade mantém-se através da promoção de gestos muito concretos de ação.

Destaca-se a diplomacia, antes de mais, como lugar onde o pragmatismo realista se harmoniza com a doçura e a mansidão do Evangelho. A este respeito prende-se o fato de o Papa, num gesto sem precedentes, ter visitado, logo após o começo da invasão, o embaixador russo junto da Santa Sé, apelando para a imediata interrupção das operações militares de modo a se regressar com humanidade à mesa de negociações. Do mesmo modo, podemos aqui referir o envio à Ucrânia, imediatamente precedido do primeiro dia da invasão, dos cardeais Czerny e Krajewski, acompanhados pelo Monsenhor Gallagher, secretário para as Relações com

---

36 Cf. Spadaro, *L'atlante di Francesco*, p. 13.

os Estados<sup>37</sup>. Notamos, pois, que o Papa foi extremamente realista desde o início da invasão russa iniciada em 22 de fevereiro de 2022, fazendo-se valer sobretudo da diplomacia vaticana, que tem assim corroborado o seu magistério, nomeadamente no que à “cultura do diálogo” diz respeito. Percebemos, a este respeito, como o Papa tem apelado para negociações que sejam fruto de um diálogo entre as duas partes diretamente mais envolvidas.

No *Angelus* de 2 de outubro de 2022, Francisco mostrou-se entristecido pelos “milhares de vítimas, particularmente as crianças, e as muitas destruições, que deixaram numerosas pessoas e famílias sem abrigo”. E, neste contexto, o Papa dirigiu-se em primeiro lugar ao “Presidente da Federação Russa, pedindo-lhe que ponha fim a esta espiral de violência e de morte, inclusive para o bem do seu povo”. Mas além disso, “entristecido pelo imenso sofrimento do povo ucraniano como resultado da agressão que sofreu”, também apelou o “Presidente da Ucrânia para que esteja aberto a propostas sérias de paz”<sup>38</sup>.

Considerando estarmos perante a “terceira guerra mundial”<sup>39</sup>, muito embora sejam poucos ou nenhum país a terem explicitamente declarado guerra a outras nações, Francisco privilegia claramente a via do diálogo, das negociações, da diplomacia. Nesse sentido, ao propor um diálogo com ambas as partes, verdadeiramente aberto “a todos”, como Francisco afirmou no voo de regresso da visita apostólica ao Cazaquistão<sup>40</sup>, o Papa evita explicitamente o que diz ser uma aborda-

---

37 Cf. *Ibid.*, p. 174.

38 Papa Francisco, *Uma encíclica sobre a Ucrânia*, p. 39-41.

39 *Ibid.*, p. 117.

40 Cf. *Ibid.*, p. 119.

gem “maniqueísta”<sup>41</sup> na gestão de conflitos, segundo a qual todo o mal estaria exclusivamente num dos lados da tensão.

Em 14 de maio de 2023, o Papa Francisco acolheu com gratidão a visita do presidente ucraniano, Volodymyr Zelensky, em audiência privada no Vaticano. Escutando os apelos do líder político, de não colocar no mesmo plano o agressor e o agredido, Francisco sublinhou sobretudo a necessidade de abrirmos espaço para “gestos de humanidade”, designando assim a ajuda humanitária às populações locais; essa foi de fato a sua maior preocupação, na medida em que a resposta a guerra apenas será vencida por gestos de paz que nos tornam mais humanos<sup>42</sup>.

Evidencia-se, desse modo, a ligação à hermenêutica que Ricœur propõe da parábola do Bom Samaritano: aproximar-se de todos, seguindo o mandato evangélico de amar não só o próximo, mas até o inimigo, numa ação sustentada pela força das instituições justas que nos permitem estabelecer acordos internacionais entre as nações. Nesse sentido, torna-se fundamental que as nações, assim como a Igreja, não se fechem por rigidez ideológica numa fortaleza de *nós contra os outros*<sup>43</sup>.

Assim, chegamos ao aspecto mais polêmico das palavras proferidas por Francisco em contexto de guerra. Se, por um lado, ele se mantém fiel ao magistério da *Fratelli tutti*, promovendo o diálogo e condenando o negócio da venda de armas, por outro, acabou por con-

41 Cf. *Ibid.*, p. 127.

42 Cf. Vatican News, “O Papa recebe o presidente ucraniano Zelensky: necessários ‘gestos de humanidade’”. Disponível em: <https://bit.ly/3OtTpf5>, 14 de maio de 2023.

43 Cf. Antonio Spadaro, “Il viaggio di Francesco in Ungheria. L’anima europea e lo spirito di ‘accoglienza profetica’”, *La Civiltà Cattolica*, 4149/II, 2023, p. 283.

siderar “moralmente” lícito o uso de armas por parte da Ucrânia na defesa dos seus territórios.

Em relação ao primeiro aspecto, começamos por notar como o Papa Francisco não para de condenar a política da União Europeia em aumentar o investimento na defesa por parte dos seus Estados para 2% do PIB respectivo. Para o Sumo Pontífice, tal política apresenta-se-lhe como uma “loucura” que o assusta, pois a verdadeira resposta não se encontra numa solução armada, nem nas sanções ou nas alianças político-militares que dividem o mundo, mas numa abordagem radicalmente diferente daquela que se submete ao “poder econômico-tecnocrático-militar”. Em vez de se dar prioridade à despesa militar, que dilapida a riqueza das nações, deve-se, mesmo em contexto de guerra, apostar nas áreas de “desenvolvimento integral”, tais como a educação, a saúde ou o crescimento ecologicamente sustentável<sup>44</sup>.

Neste contexto, é explicitamente assumida a proximidade com o magistério de João XXIII, nomeadamente com os parágrafos 109-113 de *Pacem in terris*, onde o bom Papa, no contexto da guerra fria, argumenta que uma autêntica paz nunca se realizará a partir de um equilíbrio de forças poderosas, violentas e bélicas, mas “exclusivamente na confiança mútua”<sup>45</sup>. É por isso que o diálogo concretizado por gestos diplomáticos constitui a primeira via de ação do Soberano Pontífice.

Quanto ao segundo aspecto das declarações que o Papa tem tecido desde que a guerra da Ucrânia foi desencadeada, convém escutar a coletiva de imprensa

44 Cf. Papa Francisco, *Contro la guerra*, p. 21.

45 Cf. Papa Francisco, “Mensagem para o LVII Dia Mundial das Comunicações Sociais”. Disponível em: <https://bit.ly/44YdEsC>, 21 de maio de 2023.

concedida durante o voo de regresso da sua viagem apostólica ao Cazaquistão, em 15 de setembro de 2022. À questão de saber se “neste momento” se deve “dar armas à Ucrânia”, Francisco respondeu:

Trata-se de uma decisão política, que pode ser moral – moralmente aceite – se respeitar as condições da moral, que são muitas, e, em caso afirmativo, pode-se falar na possibilidade. Mas pode também ser imoral, se se fizer com a intenção de provocar mais guerra, ou vender armas. [...] É a motivação de tal ato que, em grande medida, qualifica a sua moralidade. Defender-se não é apenas lícito, como também é uma expressão de amor à pátria. Quem não se defende, quem não defende uma coisa qualquer, não a ama; pelo contrário, quem a defende, ama-a. É preciso também [considerar] outra coisa que deixei dita num dos meus discursos: dever-se-ia refletir ainda mais sobre o conceito de guerra justa, porque, neste momento, todos falam de paz; desde já muitos anos – já lá vão setenta –, as Nações Unidas falam de paz, pronunciam discursos sem conta sobre a paz. Entretanto, neste momento, quantas guerras estão em curso? Ucrânia-Rússia, que mencionou; Azerbaijão e Armênia [...]; depois temos a Síria, dez anos de guerra: Que se passa? Porque é que não para? Que interesses se movem por detrás dela? Temos também o [chifre da] África: a Eritreia que fica ao lado da Etiópia; depois o norte de Moçambique; e ainda Myanmar, com aquele povo sofredor que tanto amo – o povo Rohingya – que gira e vagueia como ciganos e não encontra a paz. Mas por favor... Estamos numa guerra mundial. [...]

Depois há a indústria das armas. É um comércio assassino. Uma pessoa, alguém que entende de estatística, disse-me que seria suficiente suspender o fabrico de armas durante um ano para acabar com toda a fome

no mundo [...] A guerra em si mesma é um erro. Sim, um erro! [...] De forma um pouco desordenada disse tudo o que queria dizer sobre este tema da guerra justa. Quanto ao direito à defesa, sim! Está bem, mas é preciso usá-lo quando for necessário<sup>46</sup>.

Em primeiro lugar, notamos que o Papa insiste em evitar a expressão “guerra justa”, sobretudo porque toda a guerra traz necessariamente consigo injustiças. Em segundo lugar, no entanto, vemos como o novo contexto da guerra o leva a assumir a possibilidade de se usar de armas licitamente, do ponto de vista moral, numa ação de autodefesa de quem foi inocentemente atacado. É também o que o Papa Francisco afirma numa *Carta Endereçada ao Povo Ucraniano*, a 24 de novembro de 2022: “penso em vós, jovens, que, para defender corajosamente a vossa pátria, tivestes de pegar em armas”<sup>47</sup>.

Em terceiro lugar, compreendemos a proximidade destas palavras de Francisco com a doutrina agostiniana da guerra justa: para além da causa ser justa, é preciso uma reta intenção, ou seja, uma motivação que visa o estabelecimento da paz, com o fim do uso de armas, sempre sem ódio, nem vontade de dominar ou destruir de forma vingativa. Neste caso muito excepcional, o uso das armas tem em vista o rápido estabelecimento da paz perdida.

Em quarto lugar, as palavras do Papa vão ao encontro das teorias mais recentes da guerra justa, que acrescentam algumas condições aos três princípios clássicos da doutrina agostiniana: para além da legíti-

46 Papa Francisco, *Uma encíclica sobre a paz na Ucrânia*, p. 117-118.

47 Papa Francisco, “Carta ao povo ucraniano decorridos nove meses de deflagração da guerra”. Disponível em: <https://bit.ly/3OMcISE>, Roma, 24 de novembro de 2022.

ma autoridade, da reta intenção e da causa justa, os defensores da guerra justa acrescentam ainda, ou talvez apenas precisem esses mesmos princípios clássicos, a proteção de alvos civis, a posição meramente defensiva e a proporcionalidade no uso dos meios ao dispor. Uma guerra justa, dizem, procura recorrer sempre ao mínimo de violência necessária, evitando ao mesmo tempo o excessivo prolongamento da ação militar no tempo e no espaço<sup>48</sup>. Quando o Papa alerta para o perigo de se escalar a guerra em níveis de maior violência, votando cada vez mais ao fracasso o sucesso das ações diplomáticas, vai claramente ao encontro das novas teorias da guerra justa.

Em quinto lugar, também transparece neste discurso do Papa um apelo à vigilância para que não coabitem, com as justas motivações, interesses perversos que se alimentam do desenvolvimento e prolongamento desnecessário da guerra. Refiro-me, evidentemente, ao comércio das armas, cuja indústria lucra com uma guerra sem fim à vista. E apesar de aceitar a moralidade da defesa armada do povo ucraniano, pelo menos neste momento de agressão russa, o Papa parece desconfiar dos interesses escondidos de quem produz e vende armas aos povos vulneráveis. Alertando para uma guerra à escala global, num contexto de inúmeras situações de conflito armado desde há muito tempo em curso, o Papa condena não apenas a guerra fria que marcou o contexto do pontificado de João XXIII, mas sobretudo uma espécie de “paz quente”<sup>49</sup>, que se

48 Cf. Emily Pollard, “The place of *jus post bellum* in just war considerations”, *Routledge Handbook of Ethics and War: Just War Theory in the Twenty-first Century*, ed. Fritz Allhoff, Nicholas G. Evans, and Adam Henschke, New York and London, Routledge, 2013, p. 93-94.

49 Expressão usada pelo filósofo Slavoj Žižek (cf. Slavoj Žižek, “Da guerra fria à paz quente”. Disponível em: <https://encurtador.com.br/kHLU7>, 11 de abril de 2022).

alimenta de constantes ações militares em prol da “democracia”, dos “direitos humanos”, ou de outros belos ideais, alimentando assim os lucros da indústria de armamento. É por isso que o atual Sumo Pontífice critica quem invoca apenas as soluções que se realizam pelas “razões da força”, capazes de alimentar “a violência, a guerra e o mercado das armas”<sup>50</sup>.

No fundo, permanece o essencial da teologia de Agostinho: um realismo que tem que ver com o mundo pós-lapsário em que nos encontramos. A “fraternidade universal” e a “amizade social” que Francisco promove em *Fratelli tutti* apontam explicitamente para o sonho original de Deus numa “única humanidade [...] como filhos desta mesma terra”, pois somos “todos irmãos”<sup>51</sup>. E é verdade que como criaturas, somos todos filhos de um mesmo Pai cuja verticalidade em relação a nós estabelece a horizontalidade das relações que somos chamados a viver. Mas é interessante observar como o Papa Francisco parece, nas declarações que tem vindo a pronunciar em tempos de guerra, acabar por aceitar a possibilidade do uso de armas como legítima defesa num mundo decaído ainda em processo de restabelecimento dessa humanidade que se realiza na fraternidade universal. De fato, numa entrevista concedida a Lorena Bianchetti, em 15 de abril de 2022, o Papa mencionou a este respeito compreender o fato de “os governantes [comprarem] armas”, visto ter-se estabelecido entre nós “o esquema ‘cainista’ de guerra”. É claro, diz o Papa, que “se fosse um esquema de paz”, o uso de armas “não seria necessário”. No entanto, por agora “vivemos com este esquema”<sup>52</sup>.

---

50 Cf. Papa Francisco, *Uma encíclica sobre a paz na Ucrânia*, p. 130.

51 Papa Francisco, *Fratelli tutti*, §8, p. 11.

52 Cf. Papa Francisco, *Uma encíclica sobre a paz na Ucrânia*, p. 99.

Transparece de modo claro a ligação intrínseca entre as declarações do atual pontificado de Francisco e as mutações dos sucessivos contextos geopolíticos. A meu ver, com essa ligação à circunstância histórica, o desenvolvimento, ou mais precisamente aprofundamento, da doutrina que emerge nesses pronunciamentos pontifícios não perde solidez teológica e metafísica. Essa interdependência entre a formulação doutrinal e o contexto presente prende-se com a encarnação na fé na concretude das nossas vidas e sociedades. E é assim que compreendemos a tensão entre a utopia cristã à qual somos chamados e o realismo de nos situarmos num mundo marcado pelo pecado. É o que o Papa afirma numa homilia proferida em 13 de novembro de 2022 na Basílica de São Pedro, em Roma:

Se é verdade que a história humana está marcada por eventos dramáticos, situações dolorosas, guerras, revoluções e calamidades, é igualmente verdade – diz Jesus – que tudo isto não é o fim (cf. Lc 21, 9); não é um bom motivo para nos deixarmos paralisar pelo medo ou para ceder ao derrotismo de quem pensa que já está tudo perdido e é inútil empenhar-se<sup>53</sup>.

Só assim se compreende a passagem da veemente condenação da doutrina da “guerra justa” em *Fratelli tutti* para a apologia da “legítima defesa” no atual contexto de guerra russo-ucraniana, mantendo sempre a aposta no regresso à mesa das negociações diplomáticas. De resto, o Papa continua a evitar empregar a expressão “guerra justa”, na medida em que considera que qualquer guerra deixa sempre o mundo pior do que o encontrou e porque, em última instância, a resposta ao conflito não é a imposição de uma vontade pela força da guerra, mas o amor que transforma as

53 *Ibid.*, p. 78-79.

nossas relações numa fraternidade universal<sup>54</sup>.

## CONCLUSÃO

Em contexto guerra, para além de perseverantes convites a negociações que por vias diplomáticas se possam estabelecer, e muito para além de aceitar a moralidade do uso de armas em situação de legítima defesa e sob certas condições, os discursos do Papa Francisco parecem insistir sobretudo na ação orante do crente. A título de exemplo, podemos acolher as palavras que ele transmitiu em 18 de março de 2022. Ao constatar que “a guerra não está longe”, Francisco perguntou: E eu? “O que faço? [...] Será que rezo? Faço jejum? Faço penitência?”<sup>55</sup> Para o Papa, as “armas” mais eficazes são a “fraternidade” e a “oração”<sup>56</sup>. Esta insistente exortação para a oração, o frequente apelo para vigílias em prol da paz, alimenta a confiança em Deus e na sua graça que nos cria como irmãos e continuamente todas as coisas por amor. É na oração que nos deixamos tocar pela utopia evangélica, capaz de nos fazer caminhar para a fraternidade universal de uma comunhão sempre maior com todas as criaturas, ao mesmo tempo que reconhecemos os limites da nossa natureza finita no estado em que a encontramos.

A eclesiologia que define a Igreja como um “hospital de campanha” não acredita na conversão do mundo pelo poder, pela força. Procura, antes, encarnar o *logos* das Bem-Aventuranças, tal como fez Jesus<sup>57</sup>. É por isso que essa eclesiologia, apesar de intimamente conexas ao

54 Cf. Papa Francisco, *Contro la guerra*, p. 88-90.

55 Cf. Papa Francisco, “Discurso aos Participantes do Encontro Promovido pela Fundação *Gravissimum Educationis*”. Disponível em: <https://bit.ly/3s5mVRq>, 18 de março de 2022.

56 Cf. Para Francisco, *Uma encíclica sobre a paz na Ucrânia*, p. 130.

57 Cf. Papa Francisco, *Contro la guerra*, p. 100.

imaginário da guerra, não se deixa absorver exclusivamente por uma Igreja militante.

Nesse sentido, o Papa Francisco recusa todo o César-papismo que misture ou confunda o trono com o altar, tal como transparece nas palavras de certas autoridades russas, justificando a presente guerra que qualificam de “santa”. Refiro-me às palavras que o Patriarca Kirill, de Moscou, proferiu ao afirmar que a atual “luta não tem um significado físico, mas metafísico”<sup>58</sup>. Mas, para Francisco, o Evangelho pede-nos que acreditemos mais na cruz de Cristo do que na força de um Constantino. E é por isso que a Igreja é chamada a construir-se como um “hospital de campanha”, sobretudo no atual contexto de guerra que, a muitos títulos, podemos qualificar de mundial.

Neste estudo, ao percorrer as declarações mais significativas do pontificado de Francisco a respeito da guerra, compreendemos que houve uma mudança, a nosso ver sem ruptura, da *Fratelli tutti* para os pronunciamentos no atual cenário imposto pela guerra que se estabeleceu em solo europeu.

Por um lado, na encíclica social de 2020 o Papa diz que a “guerra” (aqui ainda não a qualifica de “justa”) é uma “falsa” solução a “circunstâncias particularmente dramáticas”<sup>59</sup>. Além disso, afirma que hoje já não podemos defender a doutrina da “guerra justa” como se podia fazer no tempo de Agostinho, onde não havia a potencialidade do armamento nuclear, nem o desenvolvimento de um mundo cada vez mais globalizado<sup>60</sup>. É esse novo contexto que limita a possibilidade de aplicação de uma doutrina que, à época em que foi formu-

58 Spadaro, *L'atlante di Francesco*, p. 155.

59 Cf. Papa Francisco, *Fratelli tutti*, §255, p. 167.

60 Cf. *Ibid.*, §258-260, p. 169-170.

lada, era totalmente válida.

Por outro lado, no hodierno contexto da guerra russo-ucraniana e de tantas outras, seja na Síria, seja no norte de Moçambique ou na Eritreia, a título de exemplo, a que o Papa se refere incansavelmente, os discursos de Francisco parecem vir matizar um pouco a rejeição cabal da doutrina clássica da guerra justa. No entanto, apesar de se afirmar ser “moralmente” lícito fazer uso de armas como legítimo meio de defesa face a uma agressão completamente injustificada, o Papa evita designar essa ação de “guerra justa”. Francisco continua a apostar nas ações diplomáticas que promovem o diálogo, tão apregoada na *Fratelli tutti*, enquanto não se cansa de alertar para os riscos de a guerra estar a ser promovida pelos interesses obscuros da indústria de armamento.

Concluimos assim que, da mesma forma que *Fratelli tutti* não contradiz o essencial da teologia de Agostinho, os discursos mais recentes que o Papa Francisco tem proferido no atual contexto de guerra não contradizem o argumentário da encíclica social de 2020. Trata-se sempre de um *aggiornamento* encarnado próprio do desenvolvimento e aprofundamento da tradição cristã.

# Andreas Gonçalves Lind



**A**ndreas Gonçalves Lind. Padre jesuíta luso-alemão. Antes de entrar na Companhia de Jesus, formou-se em Economia pela Universidade Nova de Lisboa e trabalhou em uma Business School. Como jesuíta, formou-se em Teologia e Filosofia na Universidade Católica Portuguesa, de Braga, na Pontifícia Universidade Gregoriana, em Roma, e no Centre Sèvres – Facultés Jésuites de Paris. É doutor em Filosofia pela Universidade de Namur (Bélgica) como bolsista da Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT). Leciona na Pontifícia Universidade Gregoriana e no Centre Sèvres. Tem publicado artigos na área da fenomenologia contemporânea em relação com a teologia, em particular, e com as ciências sociais, em geral. Sua obra mais recente intitula-se *Dieu à l'épreuve*.

**ARTIGO DE ANDREAS GONÇALVES LIND  
REPRODUZIDO PELO IHU**

- [Qual é a tarefa dos cristãos na sociedade de hoje? A “opção Bento” e a heresia donatista. Artigo de Andreas Gonçalves Lind](#)



# CADERNOS DE TEOLOGIA PÚBLICA

- N. 1 Hermenêutica da tradição cristã no limiar do século XXI – Johan Konings, SJ
- N. 2 Teologia e Espiritualidade. Uma leitura Teológico-Espiritual a partir da Realidade do Movimento Ecológico e Feminista – Maria Clara Bingemer
- N. 3 A Teologia e a Origem da Universidade – Martin N. Dreher
- N. 4 No Quarentenário do Lumen Gentium – Frei Boaventura Kloppenburg, OFM
- N. 5 Conceito e Missão da Teologia em Karl Rahner – Érico João Hammes
- N. 6 Teologia e Diálogo Inter-Religioso – Cleusa Maria Andreatta
- N. 7 Transformações recentes e perspectivas de futuro para a ética teológica – José Roque Junges, SJ
- N. 8 Teologia e literatura: profetismo secular em “Vidas Secas”, de Graciliano Ramos – Carlos Ribeiro Caldas Filho
- N. 9 Diálogo inter-religioso: Dos “cristãos anônimos” às teologias das religiões – Rudolf Eduard von Sinner
- N. 10 O Deus de todos os nomes e o diálogo inter-religioso – Michael Amalados, SJ
- N. 11 A teologia em situação de pós-modernidade – Geraldo Luiz De Mori, SJ
- N. 12 Teologia e Comunicação: reflexões sobre o tema – Pedro Gilberto Gomes, SJ
- N. 13 Teologia e Ciências Sociais – Orivaldo Pimentel Lopes Júnior
- N. 14 Teologia e Bioética – Santiago Roldán García
- N. 15 Fundamentação Teológica dos Direitos Humanos – David Eduardo Lara Corredor
- N. 16 Contextualização do Concílio Vaticano II e seu desenvolvimento – João Batista Libânio, SJ
- N. 17 Por uma Nova Razão Teológica. A Teologia na Pós-Modernidade – Paulo Sérgio Lopes Gonçalves
- N. 18 Do ter missões ao ser missionário – Contexto e texto do Decreto Ad Gentes revisitado 40 anos depois do Vaticano II – Paulo Suess
- N. 19 A teologia na universidade do século XXI segundo Wolfhart Pannenberg – 1ª parte – Manfred Zeuch
- N. 20 A teologia na universidade do século XXI segundo Wolfhart Pannenberg – 2ª parte – Manfred Zeuch
- N. 21 Bento XVI e Hans Küng. Contexto e perspectivas do encontro em Castel Gandolfo – Karl-Josef Kuschel
- N. 22 Terra habitável: um desafio para a teologia e a espiritualidade cristãs – Jacques Arnould
- N. 23 Da possibilidade de morte da Terra à afirmação da vida. A teologia ecológica de Jürgen Moltmann – Paulo Sérgio Lopes Gonçalves
- N. 24 O estudo teológico da religião: Uma aproximação hermenêutica – Walter Ferreira Salles
- N. 25 A historicidade da revelação e a sacramentalidade do mundo – o legado do Vaticano II – Frei Sinivaldo S. Tavares, OFM
- N. 26 Um olhar Teopoético: Teologia e cinema em O Sacrifício, de Andrei Tarkovski – Joe Marçal Gonçalves dos Santos
- N. 27 Música e Teologia em Johann Sebastian Bach – Christoph Theobald
- N. 28 Fundamentação atual dos direitos humanos entre judeus, cristãos e muçulmanos: análises comparativas entre as religiões e problemas – Karl-Josef Kuschel
- N. 29 Na fragilidade de Deus a esperança das vítimas. Um estudo da cristologia de Jon Sobrino – Ana Maria Formoso
- N. 30 Espiritualidade e respeito à diversidade – Juan José Tamayo-Acosta

- N. 31 A moral após o individualismo: a anarquia dos valores – Paul Valadier
- N. 32 Ética, alteridade e transcendência – Nilo Ribeiro Junior
- N. 33 Religiões mundiais e Ethos Mundial – Hans Küng
- N. 34 O Deus vivo nas vozes das mulheres – Elisabeth A. Johnson
- N. 35 Posição pós-metafísica & inteligência da fé: apontamentos para uma outra estética teológica – Vitor Hugo Mendes
- N. 36 Conferência Episcopal de Medellín: 40 anos depois – Joseph Comblin
- N. 37 Nas pegadas de Medellín: as opções de Puebla – João Batista Libânio
- N. 38 O cristianismo mundial e a missão cristã são compatíveis?: insights ou percepções das Igrejas asiáticas – Peter C. Phan
- N. 39 Caminhar descalço sobre pedras: uma releitura da Conferência de Santo Domingo – Paulo Suess
- N. 40 Conferência de Aparecida: caminhos e perspectivas da Igreja Latino-Americana e Caribenha – Benedito Ferraro
- N. 41 Espiritualidade cristã na pós-modernidade – Ildo Perondi
- N. 42 Contribuições da Espiritualidade Franciscana no cuidado com a vida humana e o planeta – Ildo Perondi
- N. 43 A Cristologia das Conferências do Celam – Vanildo Luiz Zugno
- N. 44 A origem da vida – Hans Küng
- N. 45 Narrar a Ressurreição na pós-modernidade. Um estudo do pensamento de Andrés Torres Queiruga – Maria Cristina Giani
- N. 46 Ciência e Espiritualidade – Jean-Michel Maldamé
- N. 47 Marcos e perspectivas de uma Catequese Latino-americana – Antônio Cechin
- N. 48 Ética global para o século XXI: o olhar de Hans Küng e Leonardo Boff – Águeda Bichels
- N. 49 Os relatos do Natal no Alcorão (Sura 19,1-38; 3,35-49): Possibilidades e limites de um diálogo entre cristãos e muçulmanos – Karl-Josef Kuschel
- N. 50 “Ite, missa est!”: A Eucaristia como compromisso para a missão – Cesare Giraudo, SJ
- N. 51 O Deus vivo em perspectiva cósmica – Elizabeth A. Johnson
- N. 52 Eucaristia e Ecologia – Denis Edwards
- N. 53 Escatologia, militância e universalidade: Leituras políticas de São Paulo hoje – José A. Zamora
- N. 54 Mater et Magistra – 50 Anos – Entrevista com o Prof. Dr. José Oscar Beozzo
- N. 55 São Paulo contra as mulheres? Afirmação e declínio da mulher cristã no século I – Daniel Marguerat
- N. 56 Igreja Introversa: Dossiê sobre o Motu Proprio “Summorum Pontificum” – Andrea Grillo
- N. 57 Perdendo e encontrando a Criação na tradição cristã – Elizabeth A. Johnson
- N. 58 As narrativas de Deus numa sociedade pós-metafísica: O cristianismo como estilo – Christoph Theobald
- N. 59 Deus e a criação em uma era científica – William R. Stoeger
- N. 60 Razão e fé em tempos de pós-modernidade – Franklin Leopoldo e Silva
- N. 61 Narrar Deus: Meu caminho como teólogo com a literatura – Karl-Josef Kuschel
- N. 62 Wittgenstein e a religião: A crença religiosa e o milagre entre fé e superstição – Luigi Perissinotto
- N. 63 A crise na narração cristã de Deus e o encontro de religiões em um mundo pós-metafísico – Felix Wilfred



- N. 64 Narrar Deus a partir da cosmologia contemporânea – François Euvé
- N. 65 O Livro de Deus na obra de Dante: Uma releitura na Baixa Modernidade – Marco Lucchesi
- N. 66 Discurso feminista sobre o divino em um mundo pós-moderno – Mary E. Hunt
- N. 67 Silêncio do deserto, silêncio de Deus – Alexander Nava
- N. 68 Narrar Deus nos dias de hoje: possibilidades e limites – Jean-Louis Schlegel
- N. 69 (Im)possibilidades de narrar Deus hoje: uma reflexão a partir da teologia atual – Deislando Nóbrega de Lima
- N. 70 Deus digital, religiosidade online, fiel conectado: Estudos sobre religião e internet – Moisés Sbardelotto
- N. 71 Rumo a uma nova configuração eclesial – Mario de França Miranda
- N. 72 Crise da racionalidade, crise da religião – Paul Valadier
- N. 73 O Mistério da Igreja na era das mídias digitais – Antonio Spadaro
- N. 74 O seguimento de Cristo numa era científica – Roger Haight
- N. 75 O pluralismo religioso e a igreja como mistério: A eclesiologia na perspectiva inter-religiosa – Peter C. Phan
- N. 76 50 anos depois do Concílio Vaticano II: indicações para a semântica religiosa do futuro – José Maria Vigil
- N. 77 As grandes intuições de futuro do Concílio Vaticano II: a favor de uma “gramática gerativa” das relações entre Evangelho, sociedade e Igreja – Christoph Theobald
- N. 78 As implicações da evolução científica para a semântica da fé cristã – George V. Coyne
- N. 79 Papa Francisco no Brasil – alguns olhares
- N. 80 A fraternidade nas narrativas do Gênesis: Dificuldades e possibilidades – André Wénin
- N. 81 Há 50 anos houve um concílio...: significado do Vaticano II – Victor Codina
- N. 82 O lugar da mulher nos escritos de Paulo – Eduardo de la Serna
- N. 83 A Providência dos Profetas: uma Leitura da Doutrina da Ação Divina na Bíblia Hebraica a partir de Abraham Joshua Heschel – Élcio Verçosa Filho
- N. 84 O desencantamento da experiência religiosa contemporânea em House: “creia no que quiser, mas não seja idiota” – Renato Ferreira Machado
- N. 85 Interpretações polissêmicas: um balanço sobre a Teologia da Libertação na produção acadêmica – Alexandra Lima da Silva & Rhaissa Marques Botelho Lobo
- N. 86 Diálogo inter-religioso: 50 anos após o Vaticano II – Peter C. Phan
- N. 87 O feminino no Gênesis: A partir de Gn 2,18-25 – André Wénin
- N. 88 Política e perversão: Paulo segundo Žižek – Adam Kotsko
- N. 89 O grito de Jesus na cruz e o silêncio de Deus. Reflexões teológicas a partir de Marcos 15,33-39 – Francine Bigaouette, Alexander Nava e Carlos Arthur Dreher
- N. 90 A espiritualidade humanística do Vaticano II: Uma redefinição do que um concílio deveria fazer – John W. O’Malley
- N. 91 Religiões brasileiras no exterior e missão reversa – Vol. 1 – Alberto Groisman, Alejandro Frigerio, Brenda Carranza, Carmen Sílvia Rial, Cristina Rocha, Manuel A. Vázquez e Ushi Arakaki
- N. 92 A revelação da “morte de Deus” e a teologia materialista de Slavoj Žižek – Adam Kotsko
- N. 93 O êxito das teologias da libertação e as teologias americanas contemporâneas – José Oscar Beozzo
- N. 94 Vaticano II: a crise, a resolução, o fator Francisco – John O’Malley
- N. 95 “Gaudium et Spes” 50 anos depois: seu sentido para uma Igreja aprendente – Massimo Faggioli



- N. 96 As potencialidades de futuro da Constituição Pastoral
- N. 97 500 Anos da Reforma: Luteranismo e Cultura nas Américas – Vítor Westhelle
- N. 98 O Concílio Vaticano II e o aggiornamento da Igreja – No centro da experiência: a leitura, uma leitura contextual da Escritura e o diálogo – Gilles Routhier
- N. 99 Pensar o humano em diálogo crítico com a Constituição *Gaudium et Spes* – Geraldo Luiz De Mori
- N. 100 O Vaticano II e a Escatologia Cristã: Ensaio a partir de leitura teológico-pastoral da *Gaudium et Spes* – Afonso Murad
- N. 101 Concílio Vaticano II: o diálogo na Igreja e a Igreja do Diálogo – Elias Wolff
- N. 102 A Constituição Dogmática *Dei Verbum* e o Concílio Vaticano II – Flávio Martinez de Oliveira
- N. 103 O pacto das catacumbas e a Igreja dos pobres hoje! – Emerson Sbardelotti Tavares
- N. 104 A exortação apostólica *Evangelii Gaudium*: Esboço de uma interpretação original do Concílio Vaticano II – Christoph Theobald
- N. 105 Misericórdia, Amor, Bondade: A Misericórdia que Deus quer – Ney Brasil Pereira
- N. 106 Eclesialidade, Novas Comunidades e Concílio Vaticano II: As Novas Comunidades como uma forma de autorrealização da Igreja – Rejane Maria Dias de Castro Bins
- N. 107 O Vaticano II e a inserção de categorias históricas na teologia – Antonio Manzatto
- N. 108 Morte como descanso eterno – Luís Inácio João Stadelmann
- N. 109 Cuidado da Criação e Justiça Ecológica-Climática. Uma perspectiva teológica e ecumênica – Guillermo Kerber
- N. 110 A Encíclica *Laudato Si'* e os animais – Gilmar Zampieri
- N. 111 O vínculo conjugal na sociedade aberta. Repensamentos à luz de *Dignitatis Humanae* e *Amoris Laetitia* – Andrea Grillo
- N. 112 O ensino social da Igreja segundo o Papa Francisco – Christoph Theobald
- N. 113 Lutero, Justiça Social e Poder Político: Aproximações teológicas a partir de alguns de seus escritos – Roberto E. Zwetsch
- N. 114 *Laudato Si'*, o pensamento de Morin e a complexidade da realidade – Giuseppe Fumarco
- N. 115 A condição paradoxal do perdão e da misericórdia. Desdobramentos éticos e implicações políticas – Castor Bartolomé Ruiz
- N. 116 A Igreja em um contexto de “Reforma digital”: rumo a um *sensus fidelium* digitalis? Moisés Sbardelotto
- N. 117 *Laudato Si'* e os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável: uma convergência? – Gaël Giraud e Philippe Orliange
- N. 118 Misericórdia, Compaixão e Amor: O rosto de Deus no Evangelho de Lucas – Ildo Perondi e Fabrizio Zandonadi Catenassi
- N. 119 A constituição da Dignidade Humana: aportes para uma discussão pós-metafísica – Thyeles Moratti Precilio Borcarte Strelhow
- N. 120 Renovação do espaço público: pentecostalismo e missão em perspectiva política – Amos Yong
- N. 121 Viver as Bem-aventuranças numa Igreja em saída – Tea Frigerio
- N. 122 Ser e Agir, o Reino e a Glória: a *Oikonomia* Trinitária e a bipolaridade da máquina governamental – Colby Dickinson
- N. 123 A sensibilidade religiosa de Thoreau – Edward F. Mooney
- N. 124 Diáconas na Igreja Maronita – Phyllis Zagano
- N. 125 Comportamentos normatizados e a noção de profanação: uma reflexão em Giorgio Agamben – Claudio de Oliveira Ribeiro
- N. 126 Teologalidade das resistências e lutas populares – Francisco de Aquino Júnior

- N. 127 A glória como arcano central do poder e os vínculos entre oikonomia, governo e gestão – Colby Dickinson
- N. 128 O Princípio Pluralista – Claudio de Oliveira Ribeiro
- N. 129 Deus e o Diabo na política: compaixão e vocação profética – Ivone Gebara
- N. 130 Deslocamentos genealógicos da economia teológica segundo Agamben – Joel De-cothé Junior
- N. 131 A Heterodoxia do Pseudo-Dionísio: hierarquia e burocracia na Teologia Medieval – Gerson Leite de Moraes e Daniel Nagao Menezes
- N. 132 O pensamento de Jorge Mario Bergoglio. Os desafios da Igreja no mundo contemporâneo – Massimo Borghesi
- N. 133 Os documentos eclesiais pós-sinodais “Familiaris Consortio” de Wojtyła e “Amoris Laetitia” de Bergoglio como respostas aos desafios da pastoral matrimonial – José Roque Junges
- N. 134 A universalidade e o (não) lugar político da Igreja no mundo de hoje. A eclesiologia da globalização de Francisco – Massimo Faggioli
- N. 135 A ética social do Papa Francisco: O Evangelho da misericórdia segundo o espírito de discernimento – Juan Carlos Scannone S.I.
- N. 136 Amoris Laetitia: aspectos antropológicos e metodológicos e suas implicações para a teologia moral – Todd A. Salzman e Michael G. Lawler
- N. 137 A Teologia da Missão à luz da Exortação Apostólica Evangelii gaudium – Paulo Suess
- N. 138 O pontificado de Francisco e o laicato na missão da Igreja hoje. Avanços e impasses da “parrésia eclesial” – Andrea Grillo
- N. 139 A Opção de Francisco: como evangelizar um mundo em mudança? – Austen Ivereigh
- N. 140 A liturgia, 50 anos depois do Concílio Vaticano II: marcos, desafios, perspectivas – Andrea Grillo
- N. 141 Franciscus non cantat: Um discurso, alguns percursos e ressonâncias acerca da música litúrgica pós-conciliar – Márcio Antônio de Almeida
- N. 142 Para além do limiar do Templo: apontamentos éticos para uma pastoral em modo on-line – Thiago Isaias Nóbrega de Lucena e José Joanees Souza Oliveira
- N. 143 A Conversão de Agostinho de Hipona, interpretada em reflexões sobre a expressão Intellige Ut Credas – Orlando Polidoro Junior
- N. 144 Teologia Pública e Práxis Pastoral: considerações em vista de uma Pastoral Pública – Luis Carlos Dalla Rosa
- N. 145 O debate sobre o princípio pluralista: um balanço das reflexões sobre o princípio pluralista e suas aplicações – Claudio de Oliveira Ribeiro
- N. 146 Juventudes e vivência ecumênica – Rosemary Fernandes da Costa
- N. 147 Igreja e evangelização: provocações da pandemia. Parte I – O fim de um mundo? – Geraldo De Mori, Lucimara Trevizan e Edward Guimarães
- N. 148 Igreja e evangelização: provocações da pandemia. Parte II – As dores do parto – Geraldo De Mori, Lucimara Trevizan e Edward Guimarães
- N. 149 Igreja e evangelização: provocações da pandemia. Parte III – Vinho novo, odres novos – Geraldo De Mori, Lucimara Trevizan e Edward Guimarães
- N. 150 O Papa Francisco, a Igreja e a ética teológica. Alguma coisa mudou? – Michael G. Lawler e Todd A. Salzman
- N. 151 Igreja em saída para as periferias sociais e existenciais. O problema espiritual da missão – Rogério L. Zanini
- N. 152 Fratelli Tutti: um guia de leitura – Gilmar Zampieri
- N. 153 A Igreja e as uniões do mesmo sexo: O Responsum e suas implicações pastorais – Michael G. Lawler e Todd A. Salzman
- N. 154 A Igreja e a união de pessoas do mesmo sexo: O Responsum e a possibilidade de novas abordagens – Andrea Grillo



- N. 155 Gustavo Gutierrez: servidor dos pequenos e teólogo da libertação - José Oscar Beozzo
- N. 156 O ensino moral da Igreja no pontificado do Papa Francisco: avanços, desafios e perspectivas - Todd A. Salzman e Michael G. Lawler
- N. 157 Razão pública e sociedade pós-secular: o diálogo entre cidadãos religiosos e secularizados no pensamento de Jürgen Habermas - Emerson Silva
- N. 158 Valores cristãos, valores seculares e por que eles precisarão um do outro na década de 2020 - Alec Ryrie
- N. 159 O grito de abandono de Jesus na cruz e o silêncio de Deus: reflexões à luz do Evangelho de Marcos - Junior Vasconcelos do Amaral
- N. 160 O pós-teísmo como superação dialética do teísmo - Santiago Villamayor
- N. 161 A fé cristã na ressurreição e a crise da linguagem religiosa na pós-modernidade - Ferdinando Sudati
- N. 162 O rio e a cisterna. Superar permanentemente toda forma de teísmo - Paolo Scquizzato
- N. 163 Diante de um cristianismo moribundo, a proposta de um cristianismo adulto: um olhar sobre o pós-teísmo - Beatrice Iacopini
- N. 164 "*Gloria Victis - ainda que tarde!*" Pelo reconhecimento de santidade de São Sepé Tiaraju - Luiz Carlos Susin
- N. 165 O Sínodo da Amazônia, Querida Amazonia e as mulheres - Phyllis Zagano
- N. 166 O cristianismo e a revelação de Deus em tempos de irrelevância cristã - Francesco Costantino

 UNISINOS